Insper

Economia

Ricardo Buchpiguel

QUAIS SÃO OS PRINCIPAIS FATORES QUE INFLUENCIAM O SPREAD BANCARIO BRASILEIRO?

São Paulo

2020

Ricardo Buchpiguel

QUAIS SÃO OS PRINCIPAIS FATORES QUE INFLUENCIAM O SPREAD BANCARIO BRASILEIRO?

Monografia apresentada ao curso de Ciências Econômicas, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Bacharel do Insper Instituto de Ensino e Pesquisa.

Orientador: Prof. Ricardo Humberto Rocha- Insper

São Paulo

2020

Buchpiguel, Ricardo

Quais são os principais fatores que influenciam o spread bancário brasileiro/ Ricardo Buchpiguel.– São Paulo: Insper, 2020.

29 f.

Monografia: Faculdade de Economia e Adminitração.

Insper Instituto de Ensino e Pesquisa.

Orientadora: Prof. Ricardo Humberto Rocha- Insper

1.Mercado de crédito 2.Spread bancário

3.Brasil

Resumo

Buchpiguel, Ricardo. Quais são os principais fatores que influenciam o spread bancário brasileiro? São Paulo, 2020. 29p. Monografia – Faculdade de Economia e Administração. Insper Instituto de Ensino e Pesquisa.

O spread bancário, segundo a definição do Banco Central, consiste na diferença entre a taxa que os bancos cobram em operações de crédito e pagam para captação. No Brasil, ele é extremamente elevado, sendo, assim, um grande empecilho para o desenvolvimento do país. Se compararmos os valores do spread brasileiro com de outros países emergentes nota-se a tamanha diferença. No final de 2018, a taxa básica de juros e o spread da África do Sul estavam em 6,75% e 3,1%, já no Brasil era 6,50% e 32,2%, chegando assim em uma grande diferença da representatividade do spread no custo total do crédito, de 23% contra 83%, respectivamente. Esse estudo foca em quais são os principais fatores que afetam o spread brasileiro. Por uma limitação de dados disponíveis, são considerados somente questões conjunturais e não estruturais. Para isso, utilizando dados trimestrais de 2009 até 2019, foi construído uma regressão por MQO de spread bancário com variáveis de competição, risco, alavancagem, volume de crédito e Selic escolhidas com base na literatura. Todas os coeficientes das variáveis foram estatística e economicamente significantes, com a oferta de crédito como principal fator que influencia o spread.

Abstract

Buchpiguel, Ricardo. What are the main factors that influences the Brazilian banking spread? São Paulo, 2020. 29p. Monograph – Faculdade de Economia e Administração. Insper Instituto de Ensino e Pesquisa.

According to the Central Bank, banking spread consists in the difference from the rate charged by banks in credit operations and paid for funding. In Brazil, it is very high and, thus, an obstacle for the country´s economic development. If we compare the spread in Brazil with other emerging countries, the difference is considerable. By the end of 2018, the basic interest rates and spread in South Africa was 6.75% and 3.1%, however, in Brazil was at 6.5% and 32.2%. Therefore, there is a big difference in the representativeness of the spread in the total cost of credit of, 23% and 83%, respectively. In this study, it was analyzed the main factors that affects the Brazilian banking spread. Due to a limitation on the data available, only cyclical aspects were considered, excluding some structure matters on why Brazilian spread is so high. To this end, using quarterly data from 2009 to 2019, it was built a regression by OLS, of banking spread being explained by competition, risk, leverage, credit volumes and basic interest rates, chosen based on the literature. All variables coefficients were statistically and economically significant, with credit volumes as the main factor influencing spreads.

Lista de gráficos

Gráfico 1 – Comparativo spread bancário de 2018..……..……..…10
Gráfico 2 – Spread bancário para crédito livre..….....10
Gráfico 3 – Taxa de inadimplência (2017,%)……..……. 14
Gráfico 4 – Time to resolve insolvency (2018,years)……..……...14
Gráfico 5 – Strengh of legal rights index (2018)……..……. 15
Gráfico 6 – Spread livre e Selic……..…….....17
Gráfico 7– Spread livre: Estatística Descritiva e Histograma ……....18
Gráfico 8– Selic: Estatística Descritiva e Histograma ……..…… 18
Gráfico 9 – Índice de Basileia……..…….....19
Gráfico 10– Índice de Basileia: Estatística Descritiva e Histograma..…19
Gráfico 11 – Crédito livre em relação ao PIB……..…….....20
Gráfico 12– Crédito/PIB: Estatística Descritiva e Histograma.....……. 20
Gráfico 13 –RC5……..…….....……. 21
Gráfico 14– RC5: Estatística Descritiva e Histograma...….....……. 21
Gráfico 15 –NPL Formation 12 meses ……..…….....…. 22
Gráfico 16– NPL Formation: Estatística Descritiva e Histograma.....…. 22
Gráfico 17 –Cost of Risk……..….....……. 23
Gráfico 18– Cost of Risk: Estatística Descritiva e Histograma...……... 23

Lista de tabelas

Tabela 1 – Resumo da revisão de literatura 16
Tabela 2 – Regressão (1) 24
Tabela 3 – Regressão (1) 24
Tabela 4 – Coeficientes ajustados (1) 25
Tabela 5 – Coeficientes ajustados (2) 25

Sumário

1. **Introdução….....9**
2. **Teoria e revisão da literatura.....12**
3. **Metodologia e analise descritiva.....17**
4. **Resultados.....…24**
5. **Conclusão.....…27**

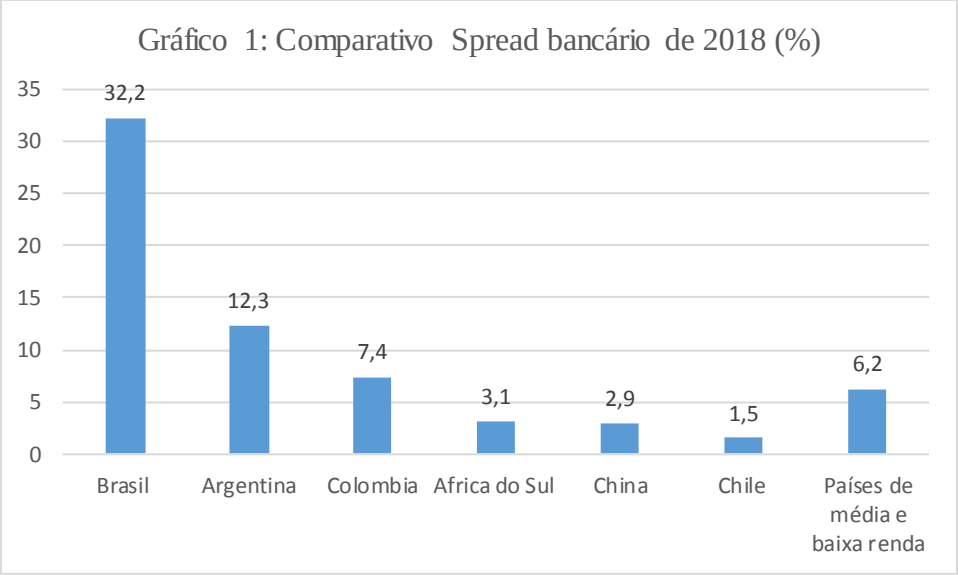
Referências.....…28

1. INTRODUÇÃO

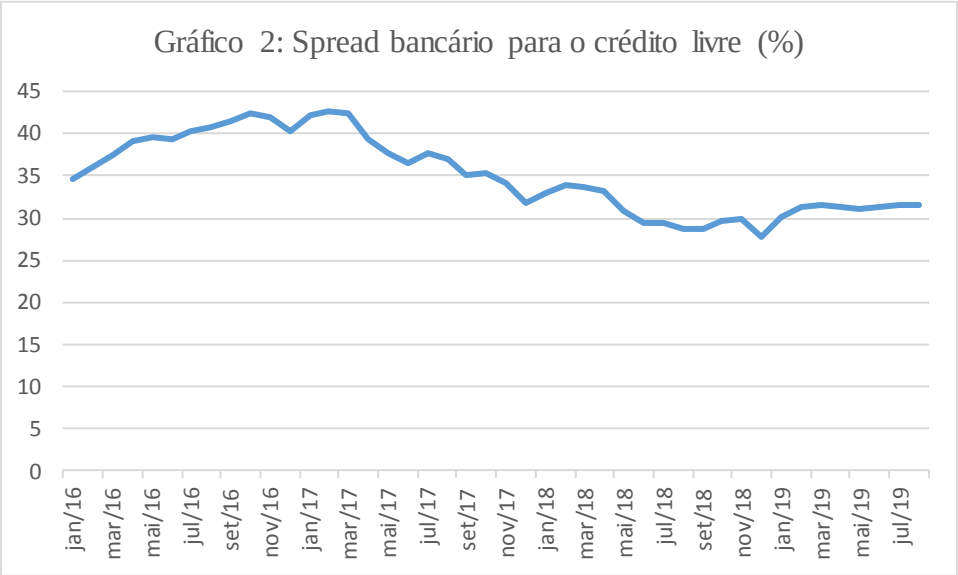
O desenvolvimento financeiro é uma importante variável para o crescimento de longo prazo. No estudo de Philippe Aghion, Peter Howitt e David Mayer-Foulkes (2004), pode ser concluído que países acima de um determinado nível de desenvolvimento financeiro possuem uma maior chance de convergir ao PIB de países desenvolvidos.

Segundo o World Bank, o desenvolvimento financeiro está relacionado ao acesso ao crédito e a principal variável que o influencia é a taxa de juros. Esta variável ainda pode ser dividida em dois componentes, a taxa de juros básica e o spread bancário. A primeira, a Selic, é a taxa média ponderada de títulos públicos federais. Já o segundo consiste na diferença entre a taxa que os bancos cobram em operações de crédito e pagam para captação.

Em relação ao resto do mundo, o spread no Brasil é elevado, sendo, assim, um grande empecilho para o desenvolvimento do país. Se compararmos os valores do spread brasileiro com de outros países emergentes nota-se a tamanha diferença, como observado no Gráfico 1 (valor para o crédito livre no Brasil). No final de 2018, a taxa básica de juros e o spread da África do Sul estavam em 6,75% e 3,1% (Disponível em:https://tradingeconomics.com/south-africa/interest-rate.Acesso em: 10/10/19), já no Brasil era 6,50% e 32,2%, (Disponível em: https://www.bcb.gov.br/controleinflacao/historicotaxasjuros.Acesso em: 10/10/19), chegando assim em uma grande diferença da representatividade do spread no custo total do crédito, de 83% contra 23%, respectivamente.



(Fonte: World Bank, 2019. Disponível em: https://data.worldbank.org/indicator/FR.INR.LNDP?view=chart. Acesso em: 10/10/19)



(Fonte: Banco Central do Brasil, 2019. Disponível em: https://www.bcb.gov.br/estatisticas/estatisticasmonetariascredito. Acesso em: 10/10/19)

Existe uma ampla discussão no Brasil buscando entender esse fenômeno, contendo opiniões de diferentes grupos da sociedade, como Banco Central, Febraban (Federação Brasileira de Bancos), FIESP (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo), etc. Enquanto a Febraban e o Banco Central colocam como principal agravador a inadimplência, para o FIESP é a falta de competição. Em um estudo de 2017 feito pela

FIESP, foi questionado que apesar da inadimplência brasileira estar 3 vezes acima da média de outros países, o spread é quase 20 vezes maior, sendo então um problema de excesso de rentabilidade do sistema financeiro.

No final de 2016, o Banco Central deu início a Agenda BC+ (posteriormente continuada como Agenda#), que consiste em um conjunto de medidas focadas para solucionar algumas questões do Sistema Financeiro Nacional, buscando maior eficiência e justiça. Dentre os objetivos, está a redução do custo do crédito e, consequentemente, o spread bancário. Atualmente, o BC já possui uma série de medidas para o futuro baseado no que ele acredita que reduziria o spread no Brasil. Por exemplo, almejando aumentar as operações de crédito com garantia, as quais tendem a ter taxas mais baixas, o BC concluiu recentemente a regulação para a emissão da Letra Imobiliária Garantida (LIG), facilitando que instituições financeiras consigam financiar o crédito imobiliário, segmento extremamente colaterizado (Banco Central, 2019). Ademais, ele busca criar um sistema de registro de recebíveis de cartão de crédito em 2020, a fim de permitir seu uso como garantia para empréstimos de lojistas, o que reduziria o custo do crédito (Banco Central, 2019).

Esse estudo busca mostrar quais são os principais fatores que afetam o spread bancário brasileiro, o que auxilia a formulação de medidas pelo regulador e o governo que visem reduzir o custo do crédito no país.

2. TEORIA E REVISÃO DA LITERATURA

O Banco Central fez um estudo no Relatório de Economia Bancária 2018, capitulo 3, sobre a decomposição do spread bancário. Nessa sessão ele busca construir o spread do ICC (Indicador de Custo do Crédito), divulgado pelo próprio BC mensalmente nas estatísticas monetárias e de crédito. Além de decompor essa medida em algumas variáveis, sendo elas: Inadimplência; Despesas administrativas; Tributos e FGC; e Margem Financeira do ICC. O BC resolveu fazer esse estudo por meio do ICC, por ele focar na ótica do tomador do crédito, ou seja, ele considera todas as operações de crédito em aberto no sistema, independentemente da data de contratação (Banco Central, 2019). Ele faz esse estudo anualmente, a fim de acompanhar a evolução do spread ao longo do tempo, possibilitando a criação de resoluções adequadas para o problema. Como resultado, ele encontrou que a inadimplência foi o fator que respondeu a maior parte do spread, com 37,2%, em seguida despesas administrativas com 27,4%, tributos e FGC com 20,6% e por fim margem financeira do ICC, com 14,9%.

No estudo de Carlos Alberto Durigan Junior (2015) são feitas importantes conclusões sobre determinantes do spread bancário. Primeiramente, ele encontra um efeito negativo e significativo do saldo de crédito no spread, pois, segundo o autor, um maior volume implica em mais lucro aos bancos, possibilitando que consigam reduzir taxas e ampliar os tomadores de empréstimos. O estudo também concluiu que algumas variáveis industriais possuem efeito no spread, como o Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI).

No estudo de José Luís da Costa Oreiro, Luiz Fernando de Paula, Guilherme Jonas Costa da Silva e Fábio Hideki Ono (2006), conclui-se que a volatilidade da taxa de juros básica exerce efeito positivo ao spread, uma vez que eleva a instabilidade do mercado bancário e, consequentemente, o grau de aversão ao risco dos bancos. Ele também encontra efeito positivo da produção industrial no spread, que, segundo o autor, aumenta a demanda por crédito e consequentemente o poder de barganha dos bancos.

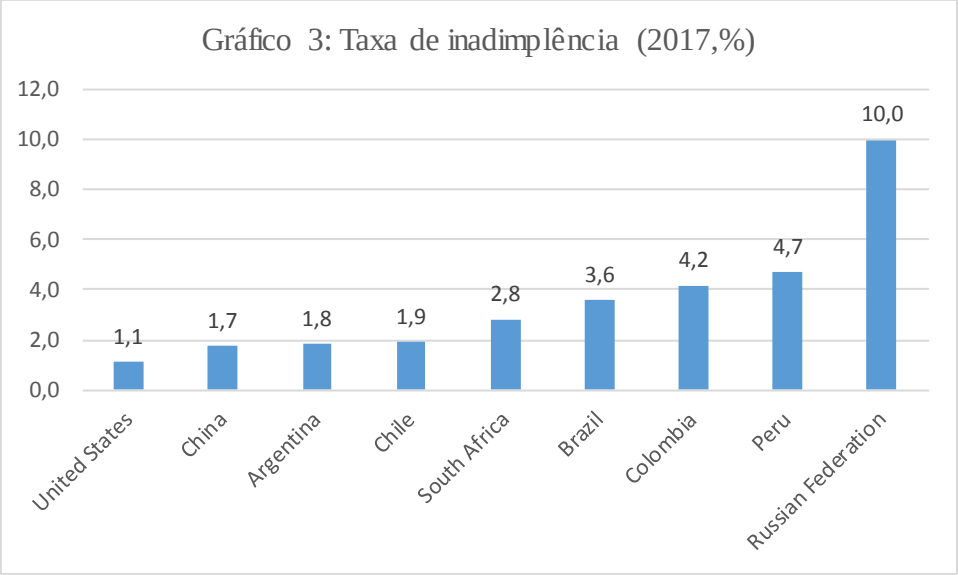
Outro estudo relevante do Banco Central, estudo especial nº 64 (2019), discorre sobre os efeitos da concentração bancária, analisando os períodos antes e depois de F&As de bancos nacionais entre 2005 e 2015. Foi feito uma estimação por diferenças-em-diferenças, no qual o grupo de tratamento foram municípios com pelo menos uma agencia

de cada banco participante da F&A, enquanto o de controle foram todos os outros municípios. Ao comparar com municípios que não tiveram redução no número de bancos, o grupo de tratamento apresentou elevação no spread e recuo no volume de crédito. Ademais, evidencias sugeriram também que a saída de um banco já com 6 ou mais participantes não influenciou o spread. Assim, o estudo pode concluir que concorrência é um fator determinante para o spread bancário e pode ser reduzindo com inovações tecnológicas que eliminem a dimensão geográfica, como a originação de crédito 100% digital.

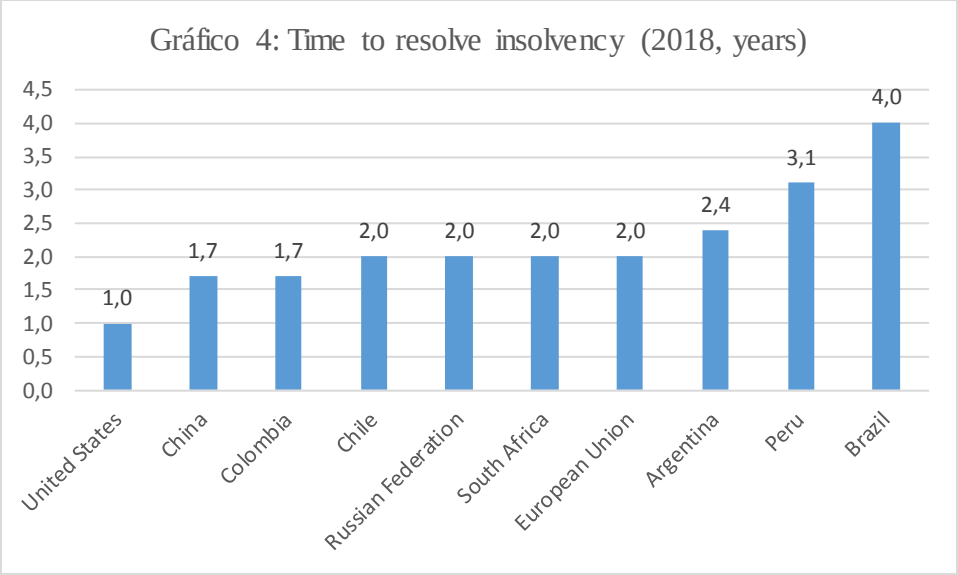
O livro da Febraban: "Como fazer os juros serem mais baixos no Brasil" discorre sobre uma série de fatores que fazem o spread bancário brasileiro ser alto em relação a outros países. O principal fator colocado é a inadimplência, que além do risco da inviabilidade financeira do pagamento, possui também 3 outros custos: insegurança jurídica, falta de informação fora do SFN e excesso de provisionamento.

A insegurança jurídica advém de decisões de juízes *extra lagem* ou "além da lei", em que a jurisprudência altera o comportamento dos agentes nos contratos de crédito, aumentando o risco aos bancos e, consequentemente, o custo do crédito. Por exemplo, em caso de inadimplência em contratos imobiliários, em que há um imóvel como garantia, muitas vezes é praticado nos tribunais o princípio do "adimplemento substancial da obrigação", em que há o pagamento de várias parcelas do financiamento não permite a execução da garantia (Febraban,2019). A insegurança jurídica consiste também nos baixos níveis de recuperação de crédito no Brasil, como evidenciado por esse trecho do livro (2019, p.91), "Em estudo de 2017, o Banco Mundial estimou uma taxa ainda mais baixa de recuperação de crédito no Brasil: 12,7%. Esse mesmo estudo identifica uma taxa de 82,1% nos Estados Unidos".

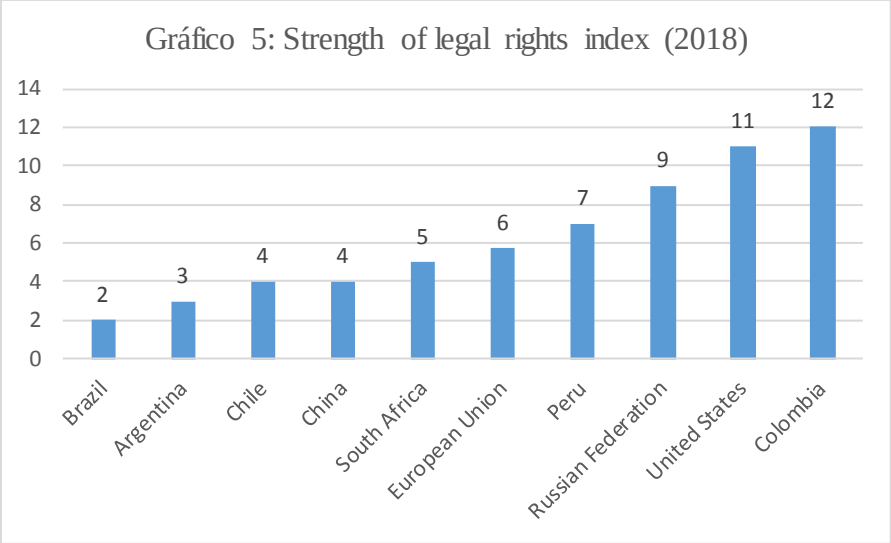
Dessa forma, o impacto da insegurança jurídica para os contratos de crédito no Brasil faz com que os bancos passem a cobrar mais nas suas taxas.



(Fonte: World Bank, 2019. Disponível em: https://data.worldbank.org/indicator/fb.ast.nper.zs. Acesso em: 10/10/19)



(Fonte: World Bank, 2019. Disponível em: https://data.worldbank.org/indicator/IC.ISV.DURS. Acesso em: 10/10/19)



(Fonte: World Bank, 2019. Disponível em: https://data.worldbank.org/indicator/IC.LGL.DURS. Acesso em: 10/10/19)

Ademais, há uma carência de informação sobre o crédito não bancário e fluxos pagamentos futuros de outra natureza, fazendo com que seja elevado o risco de um indivíduo estar muito endividado sem o banco saber. Assim, o risco de inadimplência aumenta e, consequentemente, a taxa cobrada também (Febraban,2019).

Outro custo relacionado a inadimplência está na forma que os bancos provisionam e classificam o risco da carteira de crédito. As provisões para devedores duvidosos (PDD) representaram 3,5% da carteira de crédito dos cinco maiores bancos entre 2012 e 2016, o dobro do custo médio observado nos países emergentes analisados pelos autores. O nível de PDD dos bancos e classificação de risco de sua carteira afeta diretamente o quanto eles podem se alavancar, já que mundialmente a quantidade de capital dos bancos é regulada baseado nos seus ativos de risco. Portanto, com uma menor disponibilidade de liquidez e rentabilidade para os bancos, as taxas cobradas ficam mais elevadas (Febraban,2019).

Outro fator que eleva o spread bancário é o direcionamento do crédito, que ocorre quando se incentiva o financiamento de uma determinada modalidade de empréstimos. Por exemplo, ao promover um desconto nas taxas para empréstimos de investimento (BNDES) ou permitir o uso do FGTS para financiar empréstimos habitacionais (Caixa Econômica Federal). Quando se direciona liquidez exclusivamente para uma modalidade de

empréstimo, a mesma ficará mais barata, entretanto, todas as outras mais caras (Febraban,2019).

É muito comentado também por diversas partes da sociedade que o motivo para o custo do crédito ser tão elevado no Brasil é por conta da elevada concentração bancária, levando a uma menor concorrência. Mas no seu livro, a Febraban defende que a margem financeira liquida e rentabilidade dos bancos é semelhante a outros países.

Tabela 1: Resumo da revisão de literatura

Estudo	Principais ideias
Relatório de Economia Bancária 2018	Inadimplência foi o fator que respondeu a maior parte do spread
Carlos Alberto Durigan (2015)	Efeito negativo e significativo do saldo de crédito no spread; algumas variáveis industriais possuem efeito no spread
José Luís da Costa Oreiro, Luiz Fernando de Paula, Guilherme Jonas Costa da Silva e Fábio Hideki Ono (2006)	Volatilidade da taxa de juros básica exerce efeito positivo ao spread; efeito positivo da produção industrial no spread
Estudo especial nº 64	Concorrência é um fator determinante para o spread bancário e pode ser reduzindo com inovações tecnológicas que eliminem a dimensão geográfica
Febraban	O principal fator que afeta o spread é a inadimplência, que é potencializado por 3 outros custos: insegurança jurídica, falta de informação fora do SFN e excesso de provisionamento.

3. METODOLOGIA E ANÁLISE DESCRITIVA

Nesse estudo, serão usados dados trimestrais de 2009 até 2019, para uma regressão MQO com spread de crédito livre como variável resposta. Foi escolhido esse período porque alguns dados só estavam disponíveis a partir de 2007. Ademais, em 2006-08 tiveram fusões de grandes bancos no Brasil, o que pode comprometer a análise, uma vez que serão utilizados dados dos balanços patrimoniais. Para testar quais fatores na teoria afetam o spread brasileiro, serão escolhidas variáveis explicativas de risco, alavancagem, competição e liquidez. Ademais, como o spread é determinado pelos bancos em relação ao patamar da taxa básica de juros, a média trimestral anualizada da Selic Over será a adicionado no modelo (extraída do Ipeadata e construída pelo bacen). A Selic também é uma variável que mede o risco Brasil, relevante na determinação do spread pelos bancos. Analisando o gráfico 6, pode-se notar que em períodos de maior risco, como a crise de 2015-17, tanto o spread quanto a Selic se elevam.

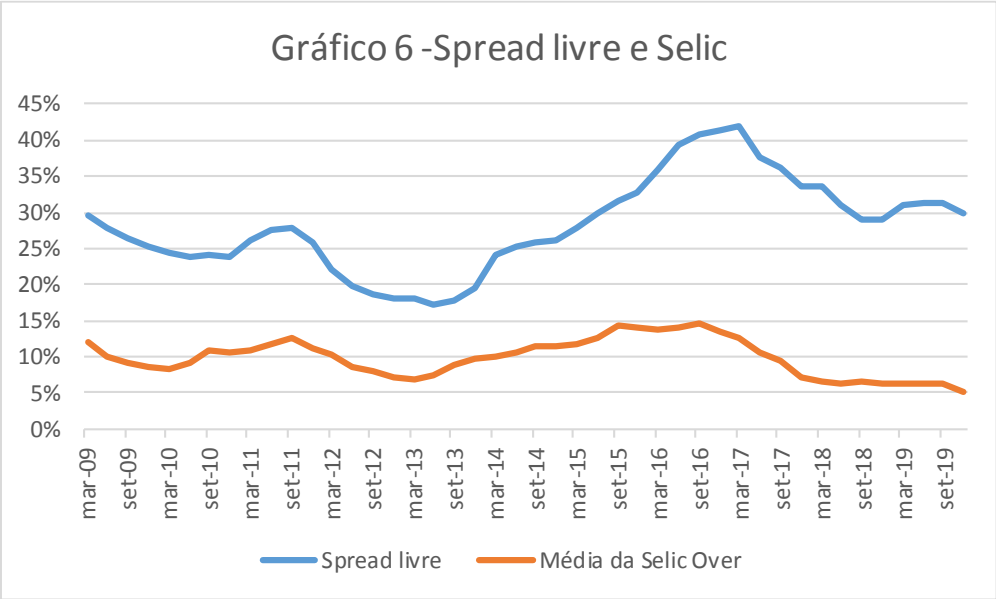


Gráfico 7 – Spread livre: Estatística Descritiva e Histograma

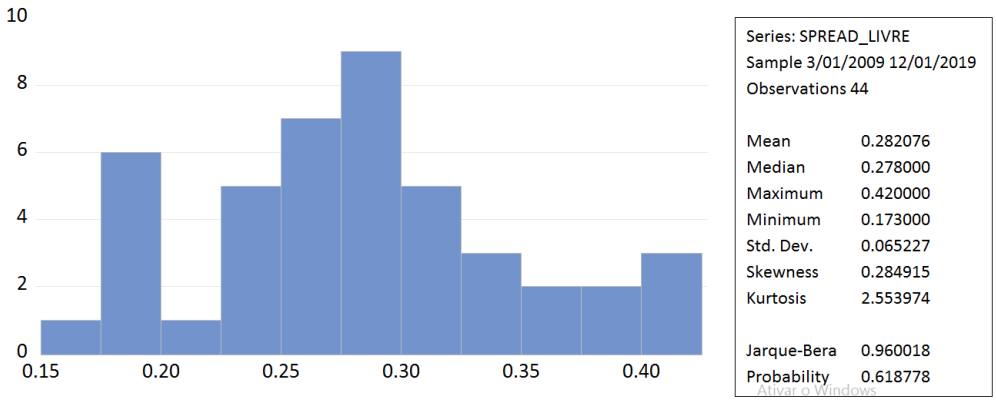
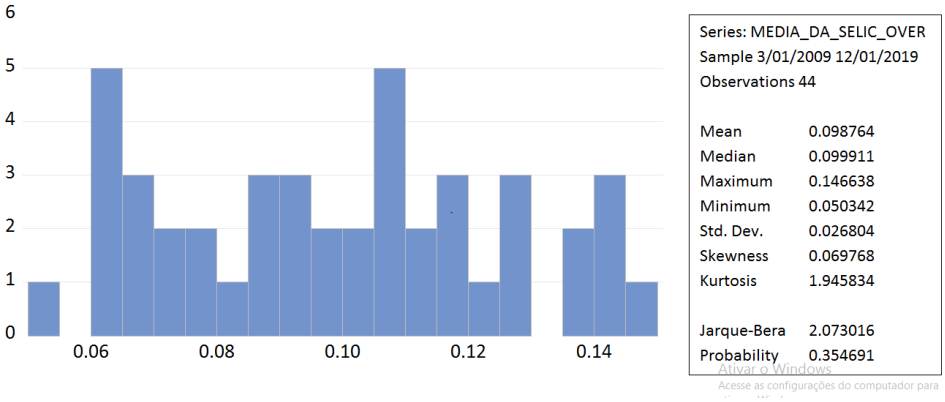


Gráfico 8 – Selic: Estatística Descritiva e Histograma



Para alavancagem, será usado o índice de Basileia do sistema financeiro, ativos de risco (risk-weighted asset) dividido pelo capital dos bancos (Patrimônio de referência), encontrado no Sistema Gerador de Series Temporais (SGS) do bacen. Para oferta de crédito, será utilizado o volume de crédito livre em relação ao PIB, encontrando nas estatísticas monetárias e de crédito do bacen. Analisando o gráfico 9, pode-se notar a elevada capitalização dos bancos no Brasil. Enquanto o Acordo internacional Basileia III recomenda uma Basileia de 8% e o Banco Central de 11%, a do sistema financeiro nacional fica entre 16% e 19%. Após a crise de 2008, o Banco do Brasil, bem relevante no mercado de crédito, atuou como anticíclico e expandiu fortemente seu portfólio. Dessa forma, isso pode ter reduzido o índice de Basileia do mercado. Ademais, conforme o cenário foi melhorando, os bancos privados também foram se alavancando mais. Isso logo muda com a crise

de 2014-17, que dificulta crescimento de carteira e fez os bancos acumularem mais capital. Isso pode ser verificado também analisando o gráfico 11, em que períodos de maior alavancagem são aqueles de maior oferta de crédito.

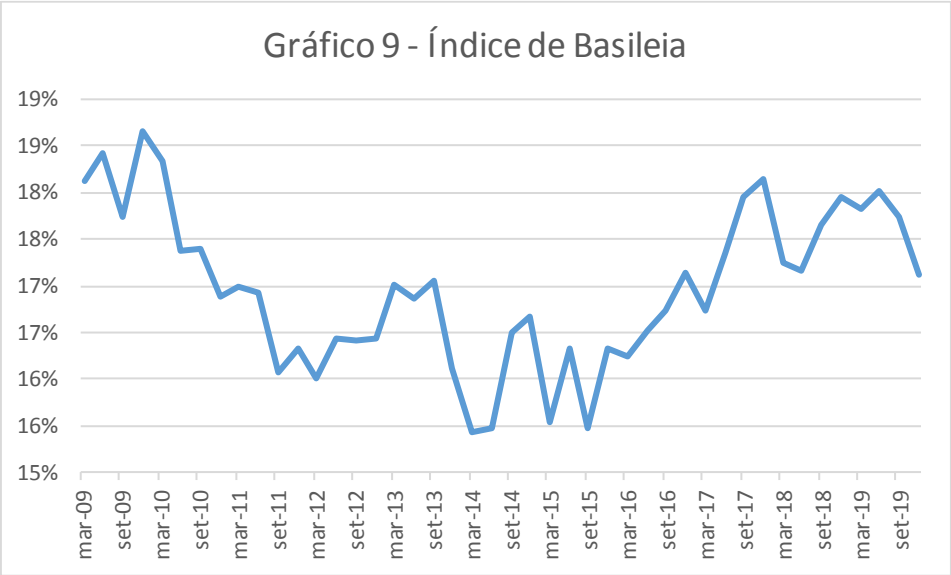
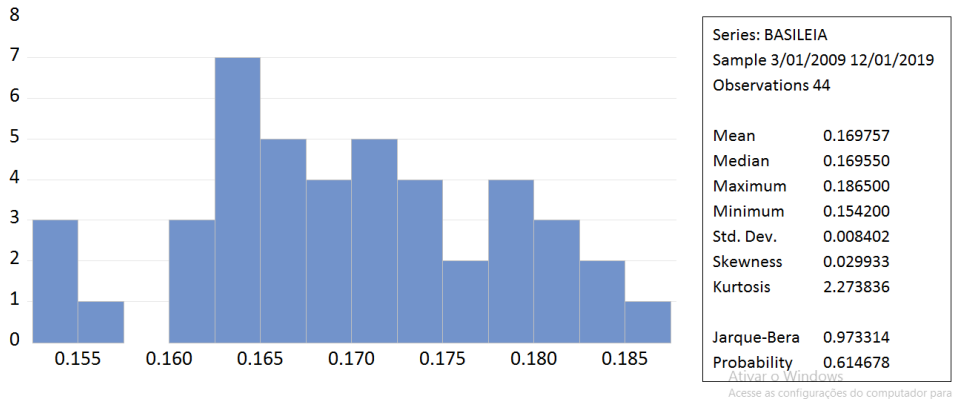


Gráfico 10 – Basileia: Estatística Descritiva e Histograma



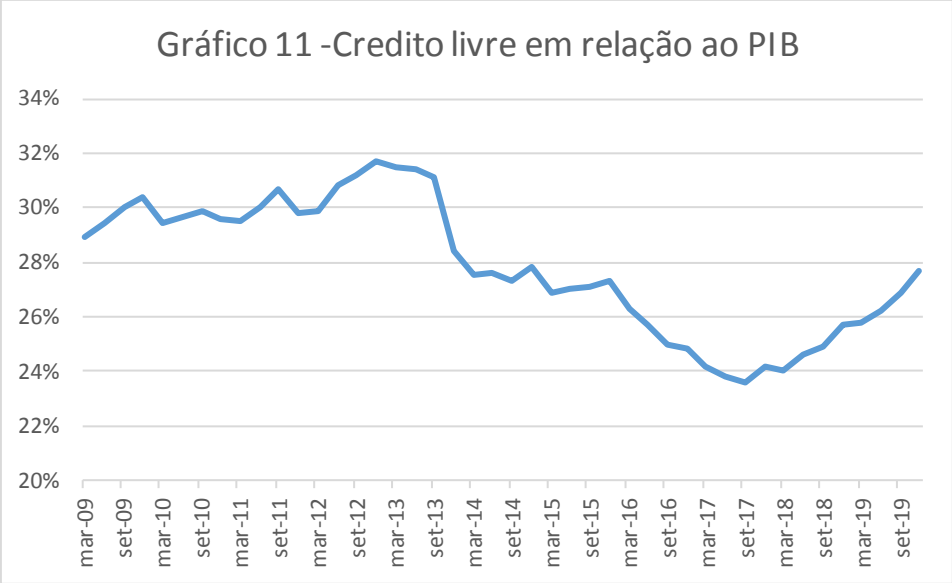
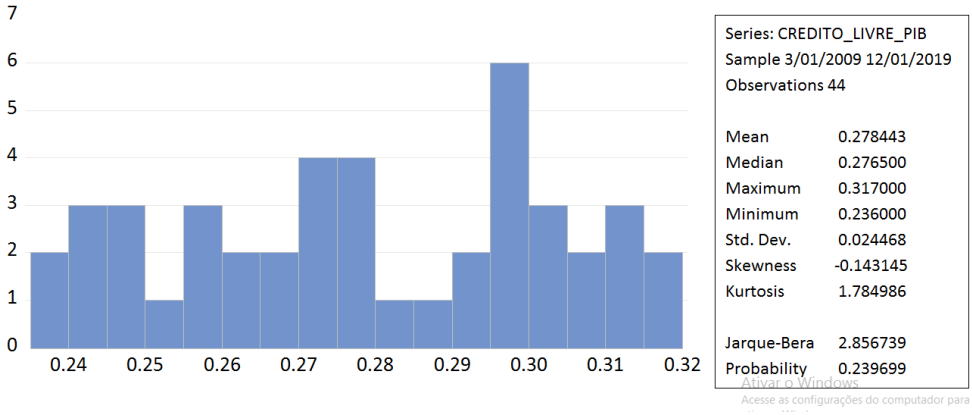


Gráfico 12 – Crédito/PIB: Estatística Descritiva e Histograma



Para competição, será usado a Razão de Concentração dos 5 maiores bancos (RC5), volume de crédito dos 5 grandes bancos (Itaú, Bradesco, Banco do Brasil e Santander) em relação ao volume do sistema bancário. Analisando o gráfico 13, pode ser observado uma trajetória ascendente de concentração de mercado, especialmente após a crise de 2015-17, que trouxe dificuldades para bancos estrangeiros operar no varejo, como HSBC e Citibank, comprados pelo Bradesco e Itaú, respectivamente.

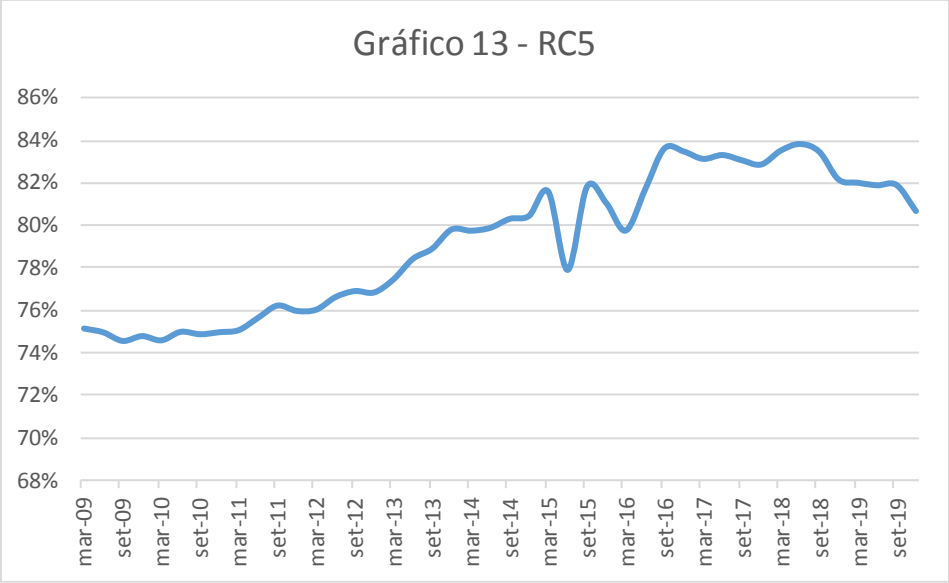
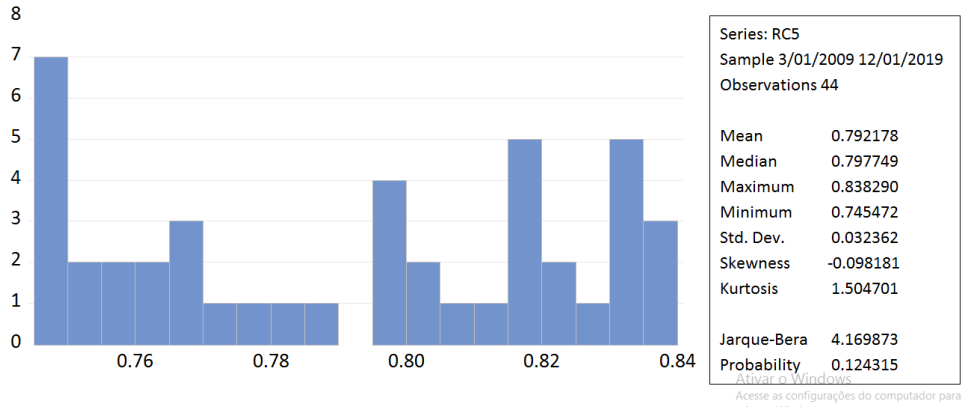


Gráfico 14 – RC5: Estatística Descritiva e Histograma



Por fim, para risco, serão utilizados separadamente na regressão, a formação de NPL (inadimplência) 12 meses 60 dias (variação no saldo de crédito com atrasos igual ou superior a 60 dias em relação ao crédito de 1 ano atrás) e custo do crédito (provisões em relação ao crédito), ambos extraídos dos 4 bancos abertos em bolsa (Itau, Bradesco, Santander e Banco do Brasil). O NPL em si não pode ser usada no estudo porque, diferentemente da formação de NPL, ela é reduzida pelo aumento das baixas para prejuízo. Assim, uma redução no NPL pode vir tanto por conta da redução de contas em atraso, quanto aumento nas baixas para prejuízo. O custo do risco, por outro lado, representa a expectativa de perda que os bancos possuem. Assim, a primeira variável mostra como a inadimplência atingida no período t, a

partir de decisões em (t-1), influencia o spread no período t. E a segunda variável mostra como a percepção de risco dos bancos no período t, influencia o spread no período t. Vale ressaltar que não há endogeneidade por simultaneidade de spread no com NPL formation, uma vez que um maior spread em t pode aumentar a inadimplência em (t+1) e não no mesmo período.

Observando os gráficos 15 e 17, nota-se a elevada volatilidade nas variáveis de risco, em que NPL vai de 7.2% a 3.5% e custo do risco de 9.5% a 3.6%. Essa volatilidade pode ser um fator que aumenta o risco de conceder crédito e, consequentemente, aumenta os spreads. Nota-se também que os dois gráficos seguem trajetórias similares, o que indica que ambas as variáveis seguem variações no risco de crédito.

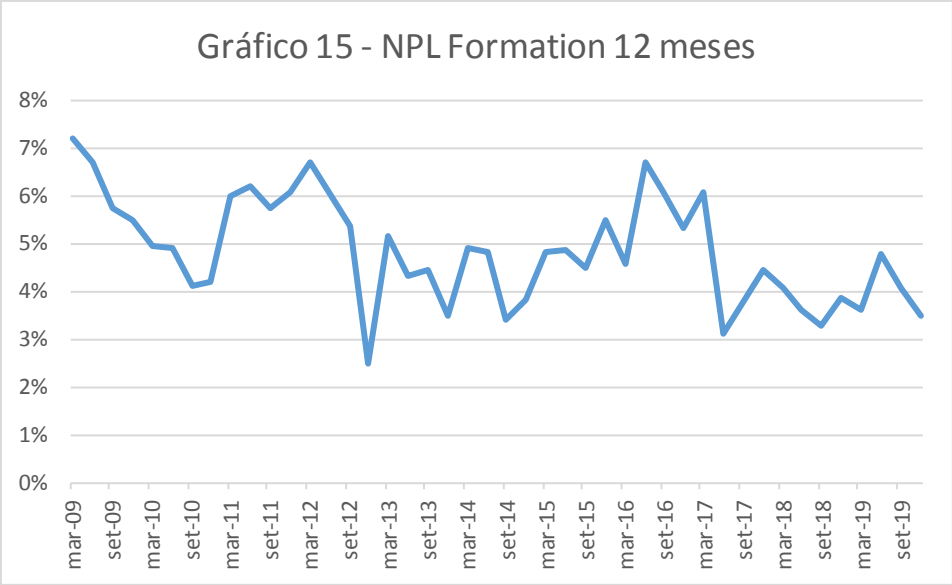
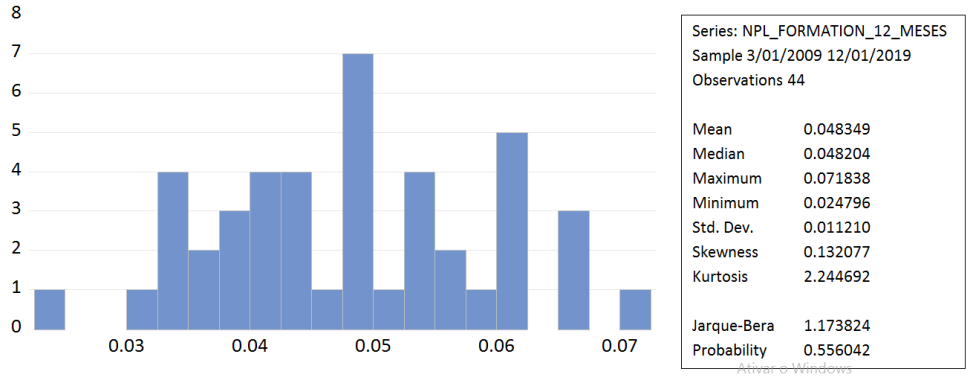


Gráfico 16 – NPL Formation: Estatística Descritiva e Histograma



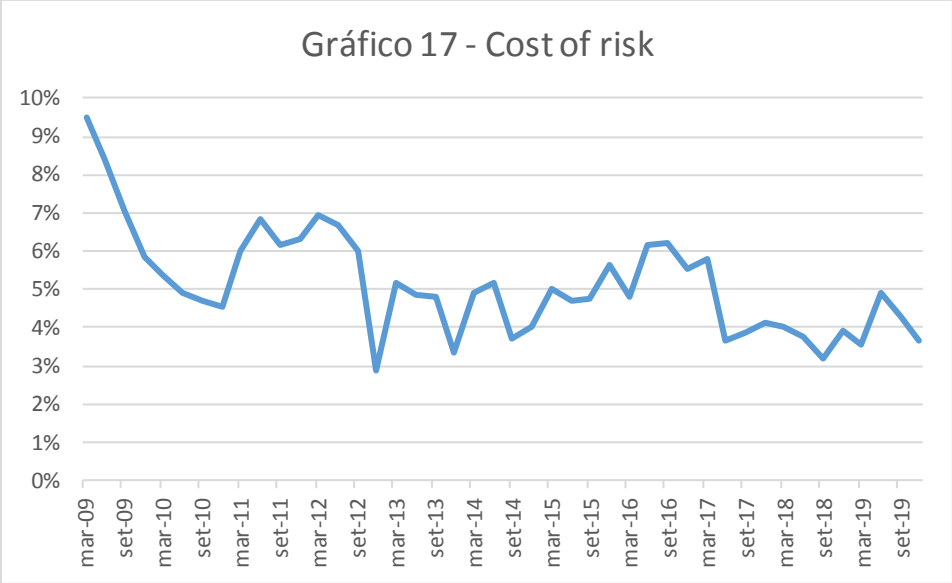
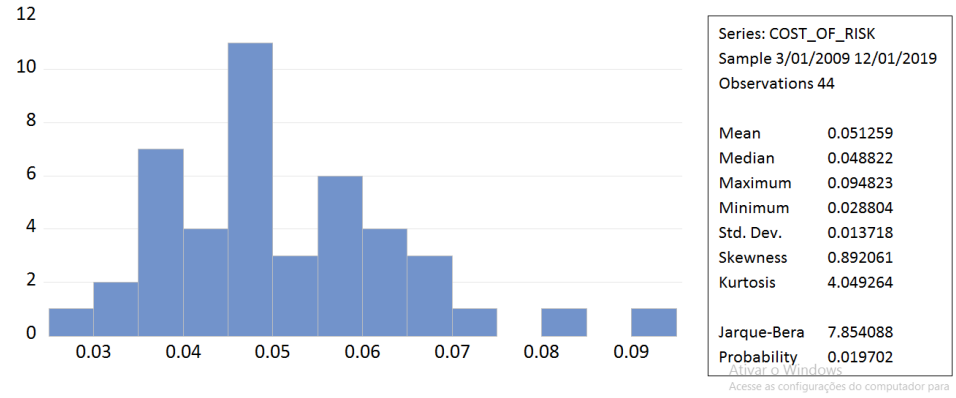


Gráfico 18 – Cost of Risk: Estatística Descritiva e Histograma



Dessa forma, chega-se nos seguintes modelos de regressão:

$$(1)\ \ SPREAD_t = \beta_1 NPL_F_t + \beta_2 BIS_t + \beta_3 CRED_t + \beta_4 \mathrm{RC5}_t + \beta_5 \mathrm{Selic}_t + \varepsilon_t$$

$$(2)\ \ SPREAD_t = \beta_1 CoR_t + \beta_2 BIS_t + \beta_3 CRED_t + \beta_4 \mathrm{RC5}_t + \beta_5 \mathrm{Selic}_t + \varepsilon_t$$

Sendo NPL_F: formação de NPL; BIS: índice de Basileia; CRED: volume de crédito livre em relação ao PIB; RC5: Razão de Concentração dos Cinco Maiores Bancos; CoR: Custo do risco; Selic: Média trimestral da Selic Over anualizada

4. RESULTADOS

Os resultados das regressões (1) e (2) estão demonstrados nas tabelas 2 e 3, respectivamente, em que todas as variáveis foram estatisticamente significantes (considerando um nível de significância de 5%).

Tabela 2 -Regressão (1)	Coeficiente	P Valor
Índice de Basiléia	2,100 (0,403)	0,00
Formação de NPL (12 meses)	1,098 (0,185)	0,0086
RC5	0,355 (0,078)	0,0001
Crédito Livre/PIB	-1,800 (0,123)	0,00
Selic Over	0,938 (0,167)	0,00

Tabela 3 -Regressão (2)	Coeficiente	P Valor
Índice de Basiléia	2,013 (0,434)	0,00
Custo do Risco	0,836 (0,361)	0,0261
RC5	0,384 (0,089)	0,0001
Crédito Livre/PIB	-1,804 (0,128)	0,00
Selic Over	0,969 (0,173)	0,00

Os coeficientes são interpretados como o efeito de uma variação de 1 ponto percentual (p.p) na variável explicativa. Entretanto, 1p.p para cada variável possui significados econômicos distintos e devem ser analisados como uma "variação marginal". Então, não basta analisar o valor do coeficiente para chegar na variável que mais afeta o spread. Por exemplo, a partir da análise descritiva na sessão anterior, pode-se notar que 1p.p de variação no Índice de Basileia é mais significante que 1p.p na do RC5. Dessa forma, para chegar na variação marginal adequada para cada variável, deve-se multiplicar seus desvios padrões aos respectivos coeficientes. Na tabela 4 e 5, os coeficientes ajustados são expostos, em que todos os cálculos foram feitos considerando o mesmo período de analise (dados trimestrais de 03/09 a 12/19)

Tabela 4 - Coeficientes ajustados (1)			
	Desvio padrão (p.p)	Coeficiente (p.p)	Coeficiente ajustado (p.p)
Índice Basileia	0,8	2,1	1,7
Formação de NPL 12 meses	1,1	1,1	1,2
RC5	3,2	0,4	1,1
Credito livre/PIB	2,4	-1,8	-4,4
Selic Over	2,6	0,9	2,5

Tabela 5 - Coeficientes ajustados (2)			
	Desvio padrão (p.p)	Coeficiente (p.p)	Coeficiente ajustado (p.p)
Índice Basileia	0,8	2,0	1,7
Custo do Risco	1,4	0,8	1,1
RC5	3,2	0,4	1,2
Credito livre/PIB	2,4	-1,9	-4,6
Selic Over	2,6	1,0	2,6

Com base nos resultados, a oferta de crédito é a variável que teve maior efeito no spread livre, e está relacionado a uma mudança de -4,4p.p ou -4,6 p.p a cada desvio padrão (2,4 p.p) do crédito livre em relação ao PIB. Isso vai em linha com o estudo de Carlos Alberto Durigan Junior (2015), que argumenta que um maior volume gera mais lucro aos bancos, incentivando a queda nas taxas.

O aumento de 1 desvio padrão na Selic, ou seja, de 2,6p.p, está relacionado a uma mudança no spread de 2,5p.p ou 2,6p.p, o que corrobora com o estudo do José Luís da Costa Oreiro, Luiz Fernando de Paula, Guilherme Jonas Costa da Silva e Fábio Hideki Ono (2006). Eles concluíram que a volatilidade da taxa de juros básica exerce efeito positivo ao spread, uma vez que eleva a instabilidade do mercado bancário e, consequentemente, o grau de aversão ao risco dos bancos.

O Índice de Basileia possui um efeito economicamente significativo no spread livre, relacionado a uma mudança em 1,7p.p para cada desvio padrão (0,8p.p). Esse resultado corrobora com a teoria, uma vez que maior alavancagem implica em uma maior rentabilidade do sistema, possibilitando reduções de margens. Ademais, um menor Índice de Basileia possibilita mais crédito para o sistema financeiro, o que reduz os spreads. Entretanto, o custo para maior alavancagem é um maior risco de uma crise no sistema financeiro, como ocorrida nos EUA em 2008. Ademais, um sistema financeiro solido é fundamental para o enfrentamento de crises econômicas ou choques que piorem a qualidade da carteira de crédito. Assim, o motivo para não reduzir os spreads via aumento da alavancagem é se preparar para eventuais crises ou choques que impactem as instituições financeiras.

A proximidade dos coeficientes ajustados de custo do risco e formação de NPL indicam a robustez dos resultados obtidos. Vale ressaltar que a Selic captura variações no risco país, então, o impacto desse risco é considerado pelo coeficiente do mesmo. Essas variáveis não capturam a dificuldade de se reaver empréstimos no Brasil, que, segundo o Banco Central e a Febraban, é o principal fator que aumenta o impacto da inadimplência. Por se tratar de um fator estrutural e não conjuntural, não foi possível encontrar uma variável com variação nesse período para colocar no modelo. Assim, esse coeficiente deve ser interpretado da seguinte forma: o aumento de 1 desvio padrão no cost of risk (1,4p.p) e no NPL Formation (1,1p.p), excluindo o efeito de risco país, está relacionado a uma mudança de 1,1p.p ou 1,2p.p no spread livre, respectivamente.

A competição teve um efeito economicamente significante no spread livre, semelhante às variáveis de risco. O aumento de 1 desvio padrão no RC5, ou seja, de 3.2p.p, está relacionado a uma mudança no spread de 1,1p.p ou 1,2p.p. Assim, os resultados desse estudo corroboram com as iniciativas do Banco Central em aumentar a competição do sistema financeiro para reduzir o spread. Entre elas, tem-se o sandbox regulatório, no qual o Banco Central reduziu a exigência de capital de acordo com o porte do banco, facilitando o surgimento de novos entrantes no mercado de crédito.

5. CONCLUSÃO

O desenvolvimento financeiro é uma importante variável para o crescimento de longo prazo, que é influenciado pelo nível do spread bancário. Em relação ao resto do mundo esse spread é mais elevado no Brasil, sendo, assim, um grande empecilho para o desenvolvimento do país.

Esse estudo busca mostrar quais são os principais fatores que afetam o spread bancário brasileiro. Para isso, utilizando dados trimestrais de 2009 até 2019, foi construído uma regressão por MQO de spread bancário com variáveis de competição, risco, alavancagem, volume de crédito e Selic, escolhidas com base na literatura.

A variável com maior efeito no spread livre foi o volume de crédito livre em relação ao PIB, o que vai em linha com o estudo do Carlos Alberto Durigan Junior (2015), que argumenta que um maior volume gera mais lucro aos bancos, incentivando a queda nas taxas.

O estudo especial nº 64 do Banco Central mostrou que a concentração bancaria tem um impacto significativamente positivo no spread bancário. E o mesmo foi encontrado nos resultados, que indicaram que o aumento de um desvio padrão na concentração de crédito dos 5 grandes bancos (3,2p.p) está relacionado a aumento de 1,2p.p ou 1,1p.p no spread.. Assim, os resultados desse estudo corroboram com as iniciativas do Banco Central em aumentar a competição do sistema financeiro para reduzir o spread.

A Febraban e o Banco Central colocam a inadimplência como principal fator que tornam os spreads altos no Brasil. Nesse estudo, as variáveis de risco (formação de NPL e custo do risco), estavam relacionados a impacto significante e positivo de 1,2p.p e 1,1p.p. Porém, como a Selic captura variações no risco país, parte da aversão ao risco dos bancos não é considerada nesse coeficiente, mas no da Selic, de 2,5p.p e 2,6p.p. Ademais, essas variáveis não capturam a dificuldade de se reaver empréstimos no Brasil, que, segundo o Banco Central e a Febraban, é o principal fator que aumenta o impacto da inadimplência. Por se tratar de um fator estrutural e não conjuntural, para colocar alguma variável proxy desse fenômeno no modelo, precisaria de dados de um período mais longo para todas as variáveis.

O aumento de um desvio padrão no Índice de Basileia (0,8p.p) está relacionado a aumento de 1,7p.p no spread. Mas, apesar de uma maior alavancagem possibilitar menores spreads, ela também reduz a solidez do sistema financeiro e aumenta o risco de crises financeiras.

REFERÊNCIAS

AGHION, Philippe; HOWITT, Peter; MAYER-FOULKES, David. The effect of financial developmet on convergence: theory and evidence, 2004

BANCO CENTRAL DO BRASIL. Estatísticas monetárias e de crédito, 2019. Disponível em: https://www.bcb.gov.br/estatisticas/estatisticasmonetariascredito. Acesso em: 03 mar. 2020

BANCO CENTRAL DO BRASIL. Sistema Gerenciador de Séries Temporais, 2019. Disponível em: https://www3.bcb.gov.br/sgspub/localizarseries/localizarSeries.do?method=prepararTelaLocalizarSeries. Acesso em: 03 mar. 2020

BANCO CENTRAL DO BRASIL. Relatório de Economia Bancária 2018, 2019. Disponível em: https://www.bcb.gov.br/publicacoes/relatorioeconomiabancaria. Acesso em: 10 out. 2019

BANCO CENTRAL DO BRASIL. Estudo especial nº 64 :Concorrência bancária e custo do crédito, 2019. Disponível em: https://www.bcb.gov.br/publicacoes/estudosespeciais Acesso em: 22 nov. 2019

JUNIOR, Carlos. Fatores macroeconômicos, indicadores industriais e o spread bancário no Brasil, 2015

FEBRABAN. Como fazer os juros serem mais baixos no Brasil, segunda edição, 2019. Disponível em: https://www.jurosmaisbaixosnobrasil.com.br/Index#erroDownload. Acesso em: 10 out. 2019

FIESP. Spread Bancário: evolução de seus componentes e agenda do Banco Central, 2019. Disponível em: https://www.fiesp.com.br/indices-pesquisas-e-publicacoes/spread-

bancario-evolucao-de-seus-componentes-e-agenda-do-banco-central/. Acesso em: 10 out. 2019

OREIRO, José, et al. Determinantes macroeconômicos do spread bancário no Brasil: teoria e evidência recente, 2006

ITAU. Planilha de Séries Históricas e Demonstrações Contábeis. Disponível em: https://www.itau.com.br/relacoes-com-investidores/. Acesso em: 03 mar. 2020

BRADESCO. Planilha de Séries Históricas e Demonstrações Contábeis. Disponível em: https://www.bradescori.com.br/siteBradescoRI/Default.aspx. Acesso em: 03 mar. 2020

BANCO DO BRASIL. Planilha de Séries Históricas e Demonstrações Contábeis. Disponível em: https://ri.bb.com.br/. Acesso em: 03 mar. 2020

SANTANDER BRASIL. Planilha de Séries Históricas e Demonstrações Contábeis. Disponível em: https://www.santander.com.br/ri/home. Acesso em: 03 mar. 2020

CAIXA ECONOMICA FEDERAL. Planilha de Séries Históricas e Demonstrações Contábeis. Disponível em: http://www.caixa.gov.br/sobre-a-caixa/relacoes-com-investidores/Paginas/default.aspx. Acesso em: 03 mar. 2020

Trading Economics. South Africa Interest Rate, 2019. Disponível em:https://tradingeconomics.com/south-africa/interest-rate.Acesso em: 10 out. 2019

World Bank. Bank nonperforming loans to total gross loans (%), 2019. Disponível em: https://data.worldbank.org/indicator/fb.ast.nper.zs. Acesso em: 10 out. 2019

World Bank. Strength of legal rights index (0=weak to 12=strong), 2019. Disponível em: https://data.worldbank.org/indicator/IC.LGL.DURS. Acesso em: 10 out. 2019

World Bank. Time to resolve insolvency (years), 2019. Disponível em: https://data.worldbank.org/indicator/IC.ISV.DURS. Acesso em: 10 out. 2019